Dia 21 — São Germano, Patriarca de Constantinopla

São Germano, um dos mais zelosos servos da Santíssima Virgem na Igreja do Oriente e um dos mais célebres prelados da Igreja grega, nasceu por meados do século VII. Foi filho do patrício Justiniano, a quem o imperador Constantino Pogonato mandou cortar a cabeça por levíssimas suspeitas. Sentiu Germano vivíssimamente esta desgraçada morte, embora fosse ainda muito menino, e esteve inconsolável. Irritado o imperador e arrebatado de uma barbaridade indigna do coração humano, castigou severamente no menino Germano o delito de ter sentido extremamente a morte de seu querido pai. Mas, por fim, enamorado de sua nobre índole, de seu belo engenho e, sobretudo, de sua inclinação à virtude, que já se fazia admirar, mudou-se-lhe o coração e arrependeu-se muito, tanto da morte do pai como dos maus-tratos com que havia mortificado o filho. Para reparar sua falta, cuidou de que Germano fosse admitido no clero e até o próprio imperador fez que se lhe desse um cargo distinto na igreja de Constantinopla. Honrou o novo clérigo seu cargo, não menos com o brilho de seu engenho que com o exemplo de suas virtudes. Aplicou-se tanto a instruir-se nas ciências da religião que em breve tempo foi a mais resplandecente tocha do clero e, com a pureza de seus costumes, ganhou a estima e os corações de toda a cidade.

Parecia ter nascido já desde o ventre de sua mãe com uma terna devoção à Santíssima Virgem, sendo esta respeitosa ternura para com a Mãe de Deus o caráter que o distinguiu toda a vida. Quanto mais meditava suas grandezas e seus benéficos favores, tanto mais se acendia sua eloquência em publicar, sem perder ocasião, seus louvores. Temos poucos padres da Igreja grega que tenham escrito nesta matéria, nem com mais moção nem com maior energia. Pouco tardou em ser elevado por seus méritos à primeira dignidade daquela Igreja; e sua sabedoria, seu zelo pela religião e sua eminente virtude acreditaram que era muito digno de estar à frente do clero. Já havia alguns anos que brilhava Germano em Constantinopla quando vagou o bispado de Cízico, no Helesponto, e foi eleito para ele. Tomou sua administração pelo fim do século VII. Havia-o infeccionado a heresia dos monotelitas, como à maior parte das outras dioceses do Oriente. Achou-se o santo com um campo coberto de matagais, que era preciso desmontar. Correspondeu em breve a messe a seus trabalhos e à magnanimidade de seu zelo. Com a pureza da fé restituiu a seu antigo esplendor a pureza dos costumes e, em menos de três anos, mudou de semblante aquela igreja, que depois de longo tempo estava desfigurada e aflita. Pareceu-lhe que o meio mais eficaz para reformar prontamente tantos erros e tantos abusos era ressuscitar a devoção à Santíssima Virgem. Não o enganou seu pensamento: em favor da proteção da Mãe de Deus, que destrói todas as heresias, renovaram-se a pureza da fé e a reforma dos costumes, e em muito breve tempo viu o santo pastor unidas todas as suas ovelhas num mesmo rebanho.

Sendo São Germano tão agradável aos olhos de Deus, não podia deixar de ser provado pela tribulação. Era o imperador Filípico Bardanes herege monotelita, e era nosso santo ardente defensor da verdadeira fé; pelo que não era possível que o imperador o deixasse em paz. Tendo desterrado o bem-aventurado Ciro, patriarca de Constantinopla, ao mosteiro de Cora, deu-lhe por companheiro no desterro aquele que era imitador de suas virtudes e de seu zelo. Manteve-se desterrado nosso santo até que Filipe, fautor dos hereges, foi deposto do trono imperial e colocado em seu lugar Anastásio, príncipe católico. Havia apenas catorze meses que era dono do império e, vendo a sé patriarcal de Constantinopla ocupada por um herege intruso chamado João, desapossou-o dela, e foi eleito por patriarca o bispo de Cízico. O clero, o senado e o povo receberam São Germano com aplauso universal; e logo se persuadiram todos de que aquela translação havia sido um rasgo singular da divina Providência, que queria ressuscitar na Igreja de Constantinopla a fé, a religião e a virtude. No dia de sua entrada pública, uma mulher grávida subiu num banco para vê-lo melhor e começou a gritar em presença de toda a multidão: «Santo prelado, lança a bênção sobre o fruto que trago em minhas entranhas.» «Abençoe-te Deus (respondeu o patriarca), por intercessão do primeiro mártir.» Esta última palavra excitou o pensamento de pôr o nome de Estêvão ao menino que a seu tempo deu à luz aquela boa mulher, e foi depois Santo Estêvão, o Moço, que no tempo de Constantino Coprônimo padeceu o martírio em defesa das santas imagens.

Mal se viu nosso santo na sé patriarcal de Constantinopla, viram-se também mudados os costumes de toda a cidade. Sua primeira diligência foi ressuscitar com seus sermões e exemplos a devoção à Santíssima Virgem. Este era o grande segredo de que se servia para a conversão das almas e para obrar suas ordinárias maravilhas. As revoluções que sucederam no império do Oriente alteraram um pouco a paz de que gozava a Igreja. Foi destronado o imperador Anastásio; sucedeu-lhe Teodósio III, que muito depressa renunciou ao trono em favor de Leão Isáurico, o qual se mostrou católico no princípio; mas nosso São Germano previu as calamidades que a Igreja havia de padecer quando, no ano de 719, ao tempo de fazer a cerimônia de batizar o filho do imperador, a quem se pôs o nome de Constantino, notou que se havia sujado na pia do batismo.

Durava ainda a calma quando um prodigioso exército de árabes e de sarracenos entrou pelo país e pôs sítio à cidade imperial. Durou o sítio três anos, em cujo tempo muitas vezes esteve em perigo de ser tomada de assalto. Nesta pública calamidade manifestou-se o zelo e a caridade de nosso santo; pois, vendo que eram muito fracas todas as forças humanas para resistir àquela espantosa multidão de inimigos, recorreu a seu ordinário asilo, a Santíssima Virgem. Pregava fervorosamente todos os dias, exortando sem cessar os fiéis a que procurassem aplacar a cólera do céu por meio da penitência. Dispunham-se os bárbaros para um assalto geral, e o santo ordenou que por três dias seguidos se celebrasse uma solene procissão sobre as próprias muralhas, levando nela uma imagem da Rainha dos céus. Experimentou-se logo o efeito de sua poderosa proteção. Viu o general dos sarracenos desde seu próprio campo esta religiosa cerimônia e, preocupado de terror, determinou levantar o sítio. Capitulou com o imperador, e foi uma das condições que, antes de retirar-se, se lhe permitiria entrar na cidade, a ele e a seus principais oficiais, só por satisfazer sua curiosidade, entregando-se reféns de uma e outra parte. Já haviam entrado alguns dos primeiros, e o general estava já na própria porta do Bósforo quando o deteve imóvel uma mão invisível; e, levantando atônito os olhos, viu uma imagem da Santíssima Virgem sobre a porta da cidade. Ficou tão assombrado que, retrocedendo imediatamente, embarcou com precipitação e pôs-se em fuga.

Faz menção deste prodígio uma epístola do papa Gregório II a São Germano, que se acha nas atas do segundo concílio de Niceia, e dele tomou ocasião nosso santo para pregar a seu povo de Constantinopla uns sermões tão eloquentes sobre as grandezas e os louvores da Virgem. «Ninguém há, ó beatíssima Virgem (exclamava o santo), que possa esperar sua salvação senão por teu meio; ninguém que possa obter misericórdia senão por tua intercessão. Ó santa Mãe de Deus, que seria de nós se nos abandonasses tu, que és a vida e o espírito de todos os cristãos! É sinal de predestinação e de vida ter continuamente na boca o santo nome de Maria. Assim como a respiração é sinal de vida no corpo, assim o ter incessantemente na boca teu santo nome, ó Virgem Mãe de Deus, não só é sinal de vida e alegria, mas o próprio nome a procura. Seja o nome da Mãe de meu Deus a última palavra e o último acento de minha língua, para que, partindo deste mundo com este ramo de oliva na boca, voe ao lugar do descanso e da paz»: *Ut illud, velut olivæ ramum in ore referens, avolem, et requiescam.* «Vós sois, ó Mãe de Deus (diz em outra parte), todo-poderosa para salvar os pecadores; nem necessitais de outra recomendação junto a Deus, porque sois mãe da verdadeira vida. Vossa proteção é infalível; vossa intercessão, penhor da própria vida. Se vós não nos ensinásseis o caminho, ninguém seria espiritual; ninguém adoraria a Deus em espírito; fez-se espiritual o homem desde que Deus vos fez a vós morada e habitação do Espírito de Deus. Ó Mãe de Deus, ninguém está cheio do conhecimento de Deus senão por vós. Ó Virgem santíssima, ninguém se salva senão por vossa intercessão. Ó Mãe de Deus, ninguém se livra dos perigos senão por vosso favor. Ó Virgem Mãe, ninguém consegue graça alguma senão por vossa mediação. Ó Virgem amada de Deus, tu és o mais doce consolo que recebi de Deus em todos os meus trabalhos, tu, o orvalho celestial que refresca meus ardores; no seio de tua misericórdia encontra meu coração refrigério em suas securas e aridezes. Depois de Deus, tu és minha fortaleza, meu apoio, toda a minha confiança; ouve, rogo-te, minhas orações. Não há coisa mais própria da mãe de meu Deus, a qual tanto ama os pecadores.»

Todos os sermões deste grande santo estão cheios de ternos e ardentíssimos afetos à Santíssima Virgem; e assim esta Senhora o sustentou amorosamente em todos os seus trabalhos, porque, tendo-se declarado iconoclasta o imperador Leão, não poupou meio algum para perder um homem que tão ilustre e valorosamente defendia a verdadeira fé. Valeu-se de quantos artifícios pôde e soube para desacreditá-lo: calúnias, embustes, perseguições, de tudo lançou mão para despojá-lo da sé patriarcal, sem lembrar-se dos importantes serviços que o santo havia feito à cidade e ao próprio imperador; mas ao santo patriarca nem o acovardaram as ameaças, nem lhe fizeram perder o vigor os maus-tratos. Publicou Leão um ímpio edito contra o culto das santas imagens; saiu-lhe ao encontro São Germano defendendo a fé com tanta força e com tanto valor, tanto em seus escritos como em seus sermões, que, ofendido e fora de si o imperador pela santa liberdade com que lhe havia repreendido sua impiedade e furiosamente irritado pelo zelo com que pregava contra a nova heresia, mandou-o esbofetear, açoitar e ultrajar ignominiosamente pelos mesmos soldados que enviou para que o lançassem do púlpito abaixo. Contava já então noventa anos o venerável prelado e mostrou-se insensível a tão indignos ultrajes; mas não bastou sua paciência para aplacar o ânimo do ímpio imperador. Fê-lo depor de sua sé por uma multidão de bispos vendidos a suas paixões e empenhados em sua mesma heresia, desterrando-o depois ao mosteiro de Cora, onde já havia estado antes em companhia de São Ciro, seu predecessor na sé patriarcal de Constantinopla. Viveu São Germano outros dois ou três anos naquele retiro, entregue inteiramente a Deus e aos exemplares exercícios da mais consumada virtude; e no ano, enfim, de

734, consumido ao rigor de suas penitências e de seus longos trabalhos, carregado de merecimentos, depois de uma vida tão dilatada como inocente, rendeu seu bem-aventurado espírito nas mãos de seu Criador no mosteiro de Cora. Ali esteve sepultado seu santo corpo até que com o tempo foi trasladado à França pelos franceses quando estes se apoderaram de Constantinopla. Veneram-se suas relíquias na igreja de Bort, povoado situado entre o Limousin e a Auvérnia. Foi sempre reputado São Germano por um dos maiores servos da Mãe de Deus e pelo primeiro defensor das sagradas imagens.

Santa Joana Francisca de Chantal, Fundadora da Ordem da Visitação

Santa Joana Francisca, ornamento da Ordem da Visitação, uma das mais célebres heroínas do cristianismo, ilustríssima por seu nascimento, mas muito mais por suas heroicas virtudes, nasceu em Dijon, capital do ducado da Borgonha, no dia 23 de janeiro de 1572, governando a Igreja São Pio V e reinando na França Carlos IX. Perdeu sua mãe, Margarida Berbisey, senhora de grande mérito, aos dezoito meses; e quis seu pai, Benigno Frémyot, nobilíssimo por seu nascimento e presidente do parlamento de Dijon, encarregar-se por si da educação da menina e formá-la na virtude, não obstante suas graves ocupações. Depressa conheceu que aos meios exteriores empregados para sua melhor criação fazia grandes vantagens outro mestre interior, que ilustrava seu entendimento e formava os retíssimos ditames do coração de Joana. Assim, já em seus mais tenros anos sentiu-se plenamente instruída nos caminhos da perfeição. Com efeito, saiu ao mundo com as mais belas disposições para a virtude, destinada pela divina Providência para verdadeiro modelo de uma senhora cristã. Preveniu-a o Senhor desde o berço com as mais doces bênçãos; dotou-a de um coração reto, generoso e compassivo; de um entendimento sólido, vivo e perspicaz; de um gênio muito afável; de uma propensão natural à piedade, distinguindo-se com particularidade no grande horror que manifestou desde o berço aos hereges, ocultando-se no seio da ama que a criava quando aqueles lhe faziam algum carinho. E, se por casualidade a tomavam nos braços, eram tais seus extremos e tão inconsolável seu pranto que lhes era preciso deixá-la logo.

Desde logo se dedicou com um novo fervor a todos os santos exercícios de seu arraigado costume. Sua modéstia, sua prudência, sua afabilidade, acompanhadas das prendas naturais, infusas e adquiridas, lhe granjearam o aplauso universal e a geral estima de todos os senhores do país, que se declararam pretendentes a sua mão, julgando que seria ditosa a pessoa que a alcançasse por esposa. Preferiu o pai entre todos o barão Cristóvão de Rabutin-Chantal, muito conhecido por sua qualificada nobreza, por sua riqueza, por seu valor e sobretudo pela uniformidade de costumes com sua filha. Celebraram-se em Dijon as bodas com extraordinários regozijos; e, como os esposos estavam penetrados dos mesmos sentimentos, sendo tão igual o matrimônio, não pôde deixar de ser feliz.

Levou-a o barão de Chantal a Bourbilly, lugar de sua residência; e, tendo-lhe dado o domínio de seu coração, quis também entregar-lhe o de sua casa. Não tardou muito tempo Joana Francisca em acreditar com sua prudência, com o acerto de seu manejo e com sua discreta economia o alto conceito que havia formado seu esposo de seu grande talento. Admirado da prosperidade com que cada dia florescia sua casa e do esmero com que no país se distinguia sua família em cumprir as obrigações religiosas, devido tudo à sábia, santa e regrada direção de Joana, por não se privar de sua amável companhia deixou de seguir a corte, onde podia aspirar aos mais altos cargos em razão do grande apreço que dele fazia Henrique IV da França, a quem havia manifestado sua constante fidelidade quando a ambição de diversos pretendentes ao trono tinha dividido o reino em poderosos partidos.

Ditosos viveram alguns anos os dois amados esposos, sendo no país Joana o objeto dos mais altos elogios pela regularidade de sua conduta e pela imensa caridade com que assistia e socorria toda classe de necessitados, cujos piedosos ofícios lhe mereceram o renome de mãe dos pobres. Continuava a santa a longas jornadas no caminho da virtude quando o Senhor, que até então a havia cumulado de extraordinários favores e derramado em sua alma aquelas doçuras que fazem saborear antecipadamente os lampejos da bem-aventurança, quis dar-lhe parte de sua cruz, para que o mundo visse que sua virtude era superior a todas as desgraças. Saiu um dia o barão de Chantal com um parente, íntimo amigo seu, a divertir-se na caça; e, ferido por este casualmente com um tiro mortal, deram a Joana aviso do acidente. Não é fácil explicar o sentimento que recebeu a santa logo que viu seu amado esposo em tão lamentável estado; mas no que mais se fez admirar a grandeza de seu espírito foi em saber reprimir os naturais impulsos da carne e do sangue, cuidando, antes de informar-se da desgraça, de que se dispusesse a morrer como cristão; fazendo-lhe escrever a seu esposo o perdão de tão doloroso fato nestes termos: «Eu não tenho repugnância em perdoar a quem disparou o tiro por pura inadvertência, considerando que eu, por pura malícia, feri de morte meu Redentor.»

Ficou viúva Joana Francisca aos 28 anos; e, resolvendo-se a não receber outro esposo senão Jesus Cristo, portou-se neste estado com a mesma conduta e admirável exemplo que no de virgem e casada. Todas as virtudes que exige o Apóstolo nas viúvas cristãs brilharam nela no mais alto grau. O retiro do mundo, a educação dos filhos que lhe ficaram, o cuidado de sua família, que reduziu a poucas pessoas tementes a Deus, a hospitalidade, a repartição de seus vestidos e alfaias entre pobres e templos e a distribuição do tempo em oração, leitura espiritual e exercícios piedosos fizeram conhecer a todos que na baronesa de Chantal obrava a graça de um modo tão especial que indicava sem dúvida dispô-la para mais altos fins dos que por então podiam compreender-se.

Considerando a santa o perigo a que se expõem as almas que aspiram ao cume da perfeição quando carecem de um sábio e prudente diretor, pediu a Deus com fervorosas orações, rígidos jejuns e assombrosas penitências que se dignasse concedê-lo a ela como indispensável norte. Continuando estas petições, ouviu uma voz que lhe disse: «Eu to darei»; e, achando-se depois num sítio ameno, viu um homem vestido com batina, roquete e barrete, da fisionomia de São Francisco de Sales. Posta nele toda a sua atenção, tornou a ouvir: «Olha o amado de Deus e dos homens, a cuja direção deve sujeitar-se tua consciência.»

Enquanto chegava o tempo de cumprir-se aquele prognóstico, sujeitou-se a um confessor que, não entendendo seu espírito, foi causa de que padecesse um martírio contínuo. Obrigou-a a fazer quatro votos imprudentes: primeiro, de obedecer a ele só; segundo, de nunca deixá-lo; terceiro, de guardar com inviolável segredo quanto lhe ordenava; e quarto, de não falar com outro algum de assunto pertencente a sua consciência. Carregou-a ainda de diferentes rigorosos preceitos que mal a deixavam respirar, cujo insuportável jugo sofreu com indizível paciência alguns anos.

Conseguiram os senhores de Dijon, no ano 1604, que lhes pregasse a quaresma São Francisco de Sales. Convidaram Joana Francisca para que ouvisse aquele oráculo de sabedoria; aceitou gostosíssima o convite; e na primeira vez que o viu no púlpito conheceu pelos sinais que era o diretor que lhe tinha destinado a divina Providência. Deu ao Senhor repetidas graças porque se aproximava o tempo tão desejado; e as mesmas deu o santo logo que reparou na modéstia, na compostura e na devoção daquela senhora, conhecendo por luz superior que era o meio que Deus tinha destinado para a execução de seu nobilíssimo projeto. Mal desceu do púlpito, perguntou ao arcebispo de Bourges quem era aquela senhora que lhe havia roubado toda a atenção. «É, senhor (respondeu-lhe este prelado), minha irmã, a dama de Chantal, que não teria tão alto conceito de virtude se não tivesse estado no sermão com a atenção que observou Vossa Senhoria.»

Quanta verdade é que os espíritos possuídos dos mesmos sentimentos têm entre si certa analogia! Mal se viram ambos os heróis, entenderam-se sem falar-se e amaram-se em Jesus Cristo antes de conhecer-se. Concebeu São Francisco de Sales grandes desejos de tratar Joana Francisca, e não foram menores os desta de beber a água da celestial doutrina daquele homem verdadeiramente eminentíssimo. Só a detinha a delicadeza de sua consciência em virtude do voto prometido a seu indiscreto confessor; mas, não podendo resistir aos impulsos que sentia em seu interior, manifestou seu espírito àquele célebre prelado, que, admirado de ver uma alma tão favorecida de sobrenaturais luzes, de tão profunda humildade e de caridade tão sem limites, alentou seus fervores e a deixou cheia de consolação na perturbação que padecia. Perturbou esta paz, na ausência de Sales, seu antigo diretor, ponderando-lhe o crime que havia cometido na violação do voto, em cujo conflito recorreu a santa ao padre Villars, grande mestre de espírito, o qual, conhecendo a fundo toda a causa daquela inquietação e que, para sossegar a delicadeza da consciência de Joana Francisca, não convinham razões, lhe respondeu com generosa resolução: «Eu não digo mais a Vossa Senhoria senão que se despeça de seu diretor e se sujeite totalmente ao bispo de Genebra; e acrescento-lhe, da parte de Deus, que resiste ao Espírito Santo se não o fizer assim.»

Fizeram estas palavras tanta impressão no coração da santa que, recebendo-as como ordem do céu, partiu no mesmo momento a buscar São Francisco de Sales, com quem fez uma confissão geral. Concluída esta, suplicou-lhe Joana Francisca que se dignasse dirigi-la, e o santo lhe entregou um bilhete concebido nestes termos: «Aceito em nome de Deus o cuidado de sua direção, para empregar-me nela com toda a atenção e fidelidade possível.» E, além disso, deu-lhe por escrito um método que continha o modo de passar os dias devotamente.

Fácil é crer os progressos que faria Joana Francisca sob a direção de tão sábio mestre, quando sem este norte soube aproveitar-se das graças que com mão liberalíssima derramou o céu sobre sua alma. Seriam necessários muitos volumes para delinear as ações heroicas que fez no resto de sua

admirável vida esta mulher verdadeiramente forte, alentada com fervor por um diretor todo abrasado na chama do amor divino. Mas, embora todos os seus feitos fossem dignos do maior elogio, nenhum eternizou mais sua memória nem pôde ser mais útil à Igreja que a fundação da Ordem da Visitação, um dos mais brilhantes ornamentos do cristianismo. Depois que de todos os modos provou São Francisco de Sales a magnanimidade de seu espírito, comunicou-lhe seu nobilíssimo pensamento de estabelecer uma nova Ordem sob o nome da Visitação. Ofereceu-se Joana Francisca a cooperar em tudo na execução de tão vantajoso projeto; e, com efeito, vencidas as muitas e graves dificuldades que poderiam embaraçá-lo, deu-se princípio à fundação em Annecy.

A fama da eminente virtude da nova fundadora atraiu logo um grande número de virgens que, entregando-se a seu governo e ao de São Francisco de Sales, se obrigaram como ela a seguir a mesma regra. Pode fazer-se juízo da vida admirável desta ilustre colônia de Jesus Cristo pelo prodigioso número de heroínas que produziu tão célebre instituto. Foi Santa Joana Francisca o primeiro modelo que tiveram na terra, à imitação de quem todas se ocupavam unicamente no serviço de Deus e em obras de caridade para com o próximo. Seu ordinário exercício era a oração, o silêncio era perpétuo, o jejum pouco interrompido; celas, móveis, vestidos e comida, tudo respirava pobreza evangélica e penitência. Tal foi o nascimento daquela santa congregação, tão ditosamente propagada pelo orbe cristão, aonde se têm visto vir em todo tempo muitas pessoas ilustres cobrir com a obscuridade de um véu os mais brilhantes esplendores do século, preferindo, à imitação da santa mãe, a cruz de Jesus Cristo aos prazeres do mundo.

Logo que recebeu Joana Francisca a regra do santo pai, todo o seu pensamento e toda a sua ocupação foi caminhar à alta perfeição a que era chamada. Embora sua vida até então tivesse sido austera e penitente, redobrou seus rigores de sorte que, à força de suas mortificações e laboriosas fadigas, caiu numa enfermidade perigosíssima complicada com vários acidentes. Inconsolável São Francisco de Sales à vista do eminente risco que ameaçava sua caríssima filha em Jesus Cristo, não omitiu meio algum que pudesse contribuir para seu restabelecimento. Valeu-se até de um huguenote, médico de singular habilidade, que, observando com escrupulosa atenção os sintomas da enfermidade, respondeu ao bispo: «Ilustríssimo senhor, esta senhora está enferma de amor de Deus; e eu não sei curar semelhante acidente de maneira alguma.» Mas, enfim, não sem prodígio viu-se restabelecida inteiramente.

Até então não tinha o novo instituto outra forma que a de simples congregação, sem os votos regulares; mas, discorrendo o cardeal arcebispo de Lyon que nestes termos não podia afiançar-se sua permanência, interpôs sua autoridade junto a Sua Santidade Paulo V, a fim de que a erigisse em religião, como o fez por sua bula apostólica de 23 de abril de 1618. Tendo aprovado a regra que formou São Francisco de Sales, conforme à de Santo Agostinho, recolhendo nas constituições o mais perfeito que achou em outras ordens, concedeu-lhe Sua Santidade todas as graças, indultos e privilégios que gozam as demais religiões.

O novo realce que recebeu a Ordem da Visitação com a aprovação apostólica e as conhecidas vantagens que faziam a cada dia suas religiosas na carreira da perfeição excitaram muitas pessoas da mais alta esfera a que solicitassem com vivas ânsias a extensão do novo estabelecimento em diferentes províncias; para o que fizeram as mais fortes instâncias a São Francisco de Sales e à

santa madre. Parece que a delicada saúde em que se achava Joana Francisca poderia acovardá-la para tão penosas expedições; mas, como seu espírito era tão magnânimo e seu coração tão generoso, apesar da debilidade que sentia no corpo, empreendeu as fundações de Grenoble, Bourges, Paris, Dijon, Thonon, Rumilly, Crémieu, Pont-à-Mousson, na Lorena, e Turim, no Piemonte, sem outras que dirigiu em diferentes cidades por meio de suas filhas, acreditando em todas sua grande confiança na divina Providência, seu infatigável zelo pela glória de Deus e sua heroica paciência na multidão de contradições que se lhe ofereceram. Não é possível compreender como uma mulher só pôde atender a tantos negócios árduos por sua natureza, capazes de cansar as forças de muitos homens robustos. E, sendo como a alma de sua terna religião prodigiosamente multiplicada, atende, ordena e dispõe todos os seus concertados movimentos. Mas o mais assombroso foi que nem os trabalhos de tão árduas empresas, nem as perigosas enfermidades que contraiu à força das contínuas fadigas lhe impediram de suspender os santos exercícios de costume, os jejuns nem o rigor de suas penitências.

Enquanto a santa se ocupava nas penosas fadigas das custosas fundações, quis Deus prová-la com a morte de São Francisco de Sales, nas críticas circunstâncias de ser tão necessária a direção daquele sábio mestre, não só para o sossego da consciência de Joana Francisca entre o tumulto de tantos cuidados, mas para o governo de tão grande número de filhas como estavam pendentes daquele oráculo. Recebeu a santa madre esta funesta notícia estando de visita no mosteiro de Bellay, depois da última conferência que teve em Lyon com o santo; e foi tão vivo e penetrante a dor que lhe causou a notícia que foi preciso toda a sua virtude para não render-se à força do sentimento.

Partiu imediatamente a Annecy a cumprir os últimos ofícios de gratidão a seu santo pai. O triste semblante, os suspiros e as lágrimas de toda a cidade e de suas filhas inconsoláveis renovaram de novo sua mitigada dor com tanta violência que, privando-a do uso da língua, mal pôde explicar sua pena interior. Não podendo articular palavra, fez sinal para que a acompanhassem à igreja, onde, prostrada, adorou o Senhor Sacramentado, ensinando a todos com seu exemplo em quem devem buscar sua consolação as almas aflitas. Concluído este ato, fazendo-se não pouca força, exortou os concorrentes a sacrificar a Deus voluntariamente a perda de um pai e de um pastor tão benemérito; dispôs em seguida que se celebrassem as exéquias com a solenidade e pompa correspondentes; e praticou as mais vivas e eficazes diligências para recolher os escritos daquele doutor iluminado, com o fim de dar à luz a utilíssima doutrina que continham. Empenhou-se com a maior eficácia para que, sem perda de tempo, se formassem os processos justificativos das heroicas virtudes e milagres autênticos do santo pai, a fim de vê-lo colocado sobre os altares.

Logrou, por fim, à força de incessantes súplicas, que o bispo de Genebra lhe admitisse a renúncia do cargo de superiora, para que, livre do encargo, pudesse dispor-se a morrer; e, quando se achava empregada em altas contemplações, dispôs a divina Providência que suas filhas a nomeassem superiora do mosteiro de Moulins. Interpuseram-se as pessoas do mais alto grau para vencer a resistência do bispo de Genebra e de toda a cidade; mas foi preciso obedecer à santa madre. Pôs-se a caminho na idade mais avançada; visitou de passagem vários mosteiros, entre eles o de Paris, onde manifestou toda a corte o gozo imponderável que teve à sua vista; mas, tendo caído numa perigosa enfermidade pouco tempo depois de ter chegado a Moulins, conhecendo que se aproximava o tempo de pagar o tributo dos mortais, recebeu os últimos

sacramentos com as disposições próprias de um espírito todo abrasado nas chamas do amor divino. No mesmo dia escreveu a suas filhas uma carta cheia dos mais sábios e prudentes documentos, para animá-las à perfeição a que eram chamadas; e, concluída esta prova de seu zelo ardente, repetindo muitas vezes os doces nomes de Jesus e Maria, entregou seu espírito nas mãos do Criador às sete e meia da noite da sexta-feira 13 de dezembro do ano 1641, ficando seu rosto tão afável e sereno como se estivesse num doce sono.

Logo que expirou, descobriram-lhe suas filhas o peito e, na parte superior do coração, acharam impresso o nome de Jesus; e, numa bolsa que levava ao pescoço, encontraram um papel que continha a profissão da fé, a renovação de seus votos, a resignação em tudo com a vontade de Deus, uma oração em que encomendava a Deus todas as almas, com uma ação de graças ao Senhor por todos os benefícios recebidos, tudo assinado com seu próprio sangue. Mal se celebraram as exéquias fúnebres, dispôs-se a trasladação do venerável corpo ao primeiro mosteiro da Ordem em Annecy, onde foi recebido com as demonstrações de honra e respeito que sempre tributaram à santa madre, cuja glória manifestou Deus a diferentes pessoas de virtude conhecida, confirmando-a com portentos singulares.

Promoveu-se desde logo a causa de sua beatificação e canonização; despacharam-se, por comissão apostólica, as correspondentes letras para os processos informativos; e, resultando deles plenamente justificadas as heroicas virtudes da santa madre, com os muitos milagres que obrou antes e depois de seu felicíssimo trânsito, decretou sua beatificação o papa Bento XIV no ano 1755, e sua canonização Sua Santidade Clemente XIII, no dia 16 de julho de 1767, expressando em sua bula o teor da vida admirável da santa e seus estupendos milagres.

Martirológio Romano

Em Roma, no campo Verano, Santa Ciríaca, viúva e mártir, que, na perseguição de Valeriano, depois de ter empregado seus desvelos e seus bens em serviço dos santos, deu também sua vida padecendo, por fim, o martírio por Jesus Cristo.

Em Salona, Santo Anastácio, notário-mor, que, vendo a constância com que Santo Agapito sofria os tormentos, se converteu à fé cristã; e, tendo sido condenado à morte, por ordem do imperador Aureliano, porque confessava o nome de Jesus Cristo, subiu ao céu com a coroa do martírio.

Na Sardenha, a festa de São Luxório, São Cisélio e São Camerino, mártires, que foram degolados, sob o presidente Delfo, na perseguição de Diocleciano.

No Gévaudan, São Privato, bispo e mártir, que padeceu na perseguição de Valeriano e de Galiano. No dito dia, São Bonoso e São Maximiano, mártires.

Em Fondi, São Paterno, mártir, que, tendo ido de Alexandria a Roma para visitar o sepulcro dos apóstolos e depois retirando-se ao campo de Fondi, onde se empregava em sepultar os corpos dos mártires, foi preso pelo tribuno e morreu carregado de prisões.

Em Edessa, na Síria, Santa Basa e seus filhos, São Teógono, Santo Agapito e São Fidel, mártires, que, na perseguição de Maximiano, alcançaram a palma do martírio, a que os exortava sua piedosa mãe, sendo ela decapitada com grande júbilo por seguir triunfante a seus filhos.

Em Verona, Santo Euprépio, bispo e confessor.

No mesmo lugar, São Quadrato, bispo.

Em Siena, na Toscana, o bem-aventurado Bernardo Tolomei, abade, fundador dos Olivetanos. Em Clermont, na Auvérnia, o trânsito de São Sidônio, bispo celebérrimo por seus escritos.

Na dita cidade, Santo Avito, bispo, primeiro deste nome, cuja festa se celebra hoje na igreja colegiada de Nossa Senhora do Porto, onde está enterrado.

Na Palestina, Santo Atalo, mártir.

No dito dia, Santo Artoso e companheiros, mártires.

Em Singidunum, na Mésia, São Donato, diácono, e seus companheiros, todos mártires.

Na Espanha, São Júlio e São Juliano, mártires.

Em Augsburgo, Santa Euprépia, serva, mártir.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Assunção, e a oração em honra do santo é a que segue.

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Germani, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que esta venerável solenidade do bem-aventurado Germano, vosso confessor e pontífice, aumente em nós o espírito de devoção e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), a mesma do dia XV, pág. 325.

Eclesiástico 24,11-20

> **Latim:** [11] et omnium excellentium et humilium corda virtute calcavi. Et in his omnibus requiem quæsivi, et in hæreditate Domini morabor. [12] Tunc præcepit, et dixit mihi Creator omnium : et qui creavit me, requievit in tabernaculo meo. [13] Et dixit mihi : In Jacob inhabita, et in Israël hæreditare, et in electis meis mitte radices. [14] Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. [15] Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. [16] Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea. [17] Quasi cedrus exaltata sum in Libano, et quasi cypressus in monte Sion : [18] quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Jericho : [19] quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. [20] Sicut cinnamomum et balsamum aromatizans odorem dedi ; quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris :

Português: [11] E pisei com o meu poder os corações de todos os grandes e pequenos: E em todos êstes busquei o descanso, e assentarei a minha morada na herança do Senhor. [12] Então o Criador do Universo me deu os seus preceitos, e me falou: E aquêle que me criou, descansou no meu tabernáculo, [13] e me disse: Habita em Jacó, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes nos meus escolhidos. [14] Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. [15] E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. [16] E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência. [17] Crescendo me elevei como cedro no Líbano, e como cipreste no monte Sião: [18] Eu lancei em alto os meus ramos, como a palmeira em Cades, e como às plantas das rosas em Jericó: [19] Eu me elevei como uma formosa oliveira nos campos, e como o plátano nas praças à borda dágua. [20] Difundi um cheiro como o cinamomo, e o bálsamo aromático, espalhei como mirra escolhida suavidade de cheiro.

Nota

«Pondera aqui a Sabedoria o favor que fez aos hebreus com exclusão das demais nações e a sem-razão com que estas se jactavam de possuí-la. A verdadeira sabedoria só residia no povo de Israel, e a verdadeira devoção à Santíssima Virgem só se encontra na Igreja.»

Reflexões

Derramei fragrância como o cinamomo e como o mais precioso bálsamo, e um odor como a mais excelente mirra. Esta linguagem, a rigor, só a pode ter a Santíssima Virgem. Se os santos são bom odor de Cristo, que será a Rainha dos santos? Se a graça santificante se compara ao mais precioso bálsamo, que fragrância exalará a que está cheia dela? E, se o cinamomo, o bálsamo e a mirra são símbolos das virtudes principais, a quem se aplicarão com maior propriedade que a Maria? A graça santificante distinguiu o primeiro instante de sua conceição; aquele instante em que o predestinado e o réprobo, o pobre e o rico, o vassalo e o monarca se veem igualmente envolvidos na desgraça do Senhor; aquele instante vergonhoso para todos os demais homens foi um instante cheio de graça para a Santíssima Virgem. Filha do Altíssimo, herdeira do céu, digno objeto do amor de todo um Deus, está vendo o resto dos filhos de Adão escravos do demônio, herdeiros do inferno, vítimas da divina justiça. Ela só, por uma prerrogativa que julgou digna o Senhor daquela que havia escolhido para mãe sua, recebeu a graça no primeiro instante de sua conceição e a conservou até o último momento de sua vida tão bela, tão pura, tão inteira como a recebeu, sem tê-la manchado jamais nem com culpa venial, nem com imperfeição, nem com fragilidade, nem com a mínima surpresa. Grande maravilha é ver brotar do seio da terra uma água tão clara, tão pura, tão cristalina como se descesse do céu; mas é coisa inaudita que esta mesma água, depois de ter regado os prados e as campinas, depois de ter corrido longo espaço por um vale profundo e lodoso, entre por fim no mar tão limpa e tão clara como saiu do manancial. Isto fez a Santíssima Virgem. Depois de ter vivido sessenta e dois anos neste vale de lágrimas, neste lugar de misérias e de imperfeições, sem ter perdido seu coração um ponto de sua pureza; sua humildade, sua castidade e sua paciência expostas a provas que não tiveram semelhante, das mesmas provas receberam novo esplendor. Viu-se preferida pelo mesmo Espírito Santo a todas as de seu sexo, e não se alterou sua profunda humildade com esta sublime honra. A esperança certa de ser mãe de Deus e rainha de todo o mundo não foi bastante nem para fazê-la titubear no voto de conservar inteira sua pureza. Vê expirar seu único Filho entre dores e opróbrios; viu-o depois ressuscitar cheio de glória, sem que extremos tão opostos causem em seu coração nem excessos de tristeza nem excessos de alegria. Sua caridade com todos os homens foi imensa. Que fé mais perfeita, que mortificação mais contínua? Que modéstia mais amável? Que amor de Deus mais puro, mais aceso, nem mais extraordinário? Que santidade mais eminente? «Maria (diz São Bernardino de Sena) amou a Deus sem interrupção desde o primeiro instante de sua vida»: *Mens Virginis in ardore dilecti jugiter tenebatur.* Se Maria, desde o primeiro instante de sua conceição até o último de sua vida, fez tantos atos de amor de Deus quantos instantes viveu, tendo igualado e até excedido seus méritos desde aquele primeiro instante aos méritos de todos os anjos e de todos os homens, que inestimável, que incompreensível tesouro de graças, de virtudes e de merecimentos seria o da Santíssima Virgem no momento de sua morte! Oh, e com quanta verdade pôde dizer ela só: *Derramei fragrância como o cinamomo e como o mais precioso bálsamo!*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas, e o mesmo do dia XV, pág. 328.

Lucas 10,38-42

> **Latim:** [38] Factum est autem, dum irent, et ipse intravit in quoddam castellum : et mulier quædam, Martha nomine, excepit illum in domum suam, [39] et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius. [40] Martha autem satagebat circa frequens ministerium : quæ stetit, et ait : Domine, non est tibi curæ quod soror mea reliquit me solam ministrare ? dic ergo illi ut me adjuvet. [41] Et respondens dixit illi Dominus : Martha, Martha, sollicita es, et turbaris erga plurima, [42] porro unum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Português: [38] E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em huma aldeia: e huma mulher por nome Martha, o hospedou em sua casa: [39] e esta tinha huma irmãa chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. [40] Martha porém andava toda affadigada na contínua lida da casa: a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmãa me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajuda. [41] E respondendo o Senhor lhe disse: Martha, Martha, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. [42] Entretanto só huma cousa he necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.

Meditação

Do amor que a Santíssima Virgem tem a todos os homens, singularmente aos pecadores

Primeiro ponto

Considera que não só é certo, mas artigo de fé, que Deus ama todos os homens, que a todos quer salvar e que ilumina todo homem que vem a este mundo: *Illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* A Virgem não tem outra vontade que a de Deus; e assim ama tudo o que Deus ama; nenhuma coisa tem mais em seu coração que tudo o que Deus quer. O amor de Deus e do próximo são, por assim dizer, de uma mesma idade; nascem gêmeos dentro do coração, vivem e morrem sempre juntos. São dois elos, diz São Gregório, que formam uma mesma cadeia; dois rios que nascem de uma mesma fonte; dois ramos que saem de um mesmo tronco; dois astros que procedem de um mesmo princípio e têm um mesmo motivo. Compreende, se é possível, o extremado amor que a Virgem tem a Deus, e então compreenderás o que professa aos homens. Pois bem: assim como não há pura criatura que mais ame a Deus, assim tampouco a há que mais nos ame a nós. «Maria (diz São Bernardo) é nossa irmã, nossa parenta, nossa aliada e nossa mãe.»

Dic, obsecro te, quod soror mea sis, ut bene sit mihi propter te, et vivat anima mea ob gratiam tui. «Ainda não o disse tudo: não é como quer que seja mãe, mas boa mãe nossa.» Não impôs Deus, diz Santo Tomás, preceito particular aos pais e às mães para que amassem seus filhos; seria sem dúvida ocioso, porque a própria natureza lhes comunica um amor tão grande e tão violento a seus filhos que isto mesmo lhes serve de lei e de preceito. «Poderá jamais uma mãe (diz o próprio Deus) esquecer-se do fruto de suas entranhas?» Pois considera se Maria se poderá esquecer dos homens, sendo a mais terna de todas as mães. Logo que Maria começou a ser Mãe de Deus, diz Santo Anselmo, começou a ser mãe dos homens. Quem duvidará já da ternura com que nos ama? Esta se pode conhecer pelo doloroso sacrifício que fez por nosso amor. Amava seu querido Filho como nenhuma mãe amou jamais, nem jamais pode amar o seu. Apesar disso, tratou-se de que sacrificasse seu querido Filho pela salvação dos homens; pois não se deteve um ponto em fazer ela mesma este doloroso sacrifício. Quanto te parece que lhe custaria? Ofereceu-o ela mesma à morte, e à morte mais infame, à morte mais cruel. Pergunta, depois disto, se é certo que nos ama a Santíssima Virgem; e olha se encontras motivo maior nem mais poderoso para uma filial confiança na bondade da Mãe de Deus.

Segundo ponto

Considera que o amor que nos tem a Santíssima Virgem é um amor muito compassivo, por força do qual se lhe tornam muito sensíveis nossas misérias; e, como a maior desta vida é o pecado, é maior a ternura e a compaixão com que olha os pecadores. Inspira-lhe este compassivo afeto a conformidade de seu coração com o de seu divino Filho. Todos sabemos o zelo do Salvador do mundo pela salvação dos pecadores: *Non veni vocare justos, sed peccatores.* Pois esta é a medida do amor e do zelo da Santíssima Virgem. Por isso a chama a Igreja Refúgio dos pecadores; e na oração ordinária, que lhe repete tantas vezes ao dia, não lhe lembra outro motivo senão serem pecadores aqueles por quem roga: *ora pro nobis peccatoribus.* «Ó imaculada Virgem Maria (exclama Santo Efrém), Mãe de Deus, rainha do universo, esperança dos mais desesperados, recurso de todo o mundo; todos nos pomos debaixo de vossa proteção; cobri-nos com as asas de vossa caridade e de vossa misericórdia; tende piedade de nós, manchados com tantas culpas!» «Não cessa a Virgem de rogar no céu pelos pecadores», diz o venerável Beda: *Non cessans pro peccatoribus exorare.* E certamente, sendo mãe de misericórdia, como podia deixar de amar os pecadores nem de interessar-se por sua salvação? «Ó Maria (exclama São Boaventura), por miserável que seja um pecador, sempre o olhas com ternura de mãe»: *Materno affectu complecteris!*

É a Santíssima Virgem medianeira entre Deus e os homens, como diz São Bernardo; logo, é preciso que ame ternamente os pecadores. «Virgem santa (prorrompe Guilherme, bispo de Paris), se me é lícito falar assim, aos pecadores deveis de certa maneira tudo o que sois; o estar cheia de graça, o coroar-vos cumulada de glória e até o augusto título de Mãe de Deus»: *Totum quod habes gratiæ, quod habes gloriæ, etiam hoc ipsum quod es mater Dei, si fas est dicere, peccatoribus debes*, «pois por eles se vos concedeu tudo isto»: *Omnia enim hæc propter peccatores tibi collata sunt.* Pois como lhes poderás negar tua proteção e tua benevolência? Ama-nos, pois, a Santíssima Virgem com ternura; movem-na a compaixão nossas misérias; interessa-se por nossa salvação. Que motivo de maior consolação, que maior alento a nossa confiança? «Não mereces ser ouvido,

porque és pecador (diz Santo Anselmo); mas os méritos da Mãe de Deus, que intercede pelos pecadores, pedem que Deus te ouça.» «Quem desconfiará da misericórdia do Filho (diz São Bernardo), tendo por advogada a Mãe?» Ama-nos Maria, por mais pecadores que sejamos; pois por que não amaremos nós a Maria? Por que não poremos nela, depois de Deus, toda a nossa confiança?

Pegue-se minha língua para sempre a meu paladar; entregue-se ao esquecimento minha mão direita, se meu coração cessar jamais de amar-vos, ó Virgem santa, se minha língua cessar jamais de engrandecer-vos, se me afastar jamais de vosso serviço, ó única esperança minha depois de meu Deus, ó refúgio meu, ó asilo seguro de minha salvação.

Jaculatórias

> *Si oblitus fuero tui, oblivioni detur dextera mea.* Sl 136.

Esqueça-se para sempre minha mão direita, se eu me esquecer jamais de tua bondade para comigo, ó Virgem santa.

> *In te confido, non erubescam.* Sl 24.

Em ti confio, mãe de meu Deus, e não ficará confundida minha confiança.

Propósitos

1. É certo que, depois do sagrado coração de Jesus, o de sua santa Mãe é o mais santo, o mais excelente, o mais venerável objeto que se pode propor à devoção dos cristãos. Considerado este coração em seu ser natural, é a porção mais nobre do mais santo corpo entre as puras criaturas que houve jamais no mundo e, por conseguinte, um objeto mil vezes mais digno de veneração que todas as relíquias dos santos. Este coração foi o princípio natural da vida da Santíssima Virgem; ele emprestou, por assim dizer, aquele preciosíssimo sangue de que o Espírito Santo formou o adorável corpo de nosso Salvador; ele é, como se diz, a sede, o trono do amor que nos tem esta Senhora, e dele saem todos os ternos afetos com que nos olha esta bem-aventurada criatura. E, se do sentido natural passamos ao moral, que coração mais santo, mais digno de nosso respeito e de nossa veneração, visto que é o sólio de todas as virtudes mais admiráveis e o símbolo mais natural do amor terno e perfeito que a Santíssima Virgem professa a Deus e aos homens? Este coração é todo nosso, pois nunca deixou de amar-nos; e, se Maria nos ama como a seus filhos, com que olhos devemos olhar o coração de tal mãe? Estas considerações moveram a devoção dos fiéis, alguns

anos atrás, a celebrar uma festa particular em honra do sagrado coração de Maria. Celebra-se esta festa em muitos bispados da França, como são Coutances, Rennes, Arles e Lyon, onde se erigiram congregações em reverência deste sagrado coração, não só com aprovação dos maiores prelados mas também com a da Santa Sé Apostólica. Tem tu também esta devoção, alista-te em alguma destas congregações; e, se só o nome de Maria é hoje título particular de uma festa em grande parte da Igreja, que devoção não deves professar a seu sagrado coração?

2. O papa Clemente IX, no breve de indulgências, com data de 28 de abril de 1668, concedido em favor da congregação que se fundou em Arles, dentro da abadia de São Cesário, com o título do sagrado Coração da Mãe de Deus, assinala o terceiro domingo depois de Pentecostes para o dia da festa. Em Paris, onde está muito introduzida esta devoção, celebra-se no dia 8 de fevereiro. Não deixes de fazer esta festa todos os anos com especial devoção; e, para ter parte nas indulgências que a Sé Apostólica concede aos congregantes, agrega-te a seu número confessando-te e comungando no dia da entrada. Emprega toda a tua autoridade e teu zelo em estender por toda parte a mesma congregação. Quem é devoto do sagrado coração da Mãe de Deus não pode deixar de ter parte em seus maiores favores e na distribuição de todas as suas graças. Reza-lhe com frequência a oração seguinte:

«Permiti-me, ó santíssima Mãe de meu Deus, que me agregue às almas santas que se aplicam a honrar com particular culto vosso sagrado coração, para que possa ter parte nas graças concedidas aos que professam uma devoção tão agradável a vosso querido Filho e a vós, sua divina Mãe. Ó coração santíssimo da Mãe de Deus sempre imaculada, coração o mais puro, o mais venerável depois do coração de Jesus, que formou a mão todo-poderosa do Criador; manancial inesgotável de bondade, de doçura, de amor e de misericórdia; imagem perfeita do sagrado coração de Jesus Cristo, meu Salvador, sempre sensível a nossos males, sempre abrasado no ardente desejo de minha salvação, sempre aberto aos que se refugiam nele; dignai-vos admitir meus humildes obséquios e meus vivos afetos de respeito e de veneração. Virgem santa, mãe de misericórdia e mãe do formoso amor, fazei que meu coração seja semelhante ao vosso; purificai-o por vossa poderosa intercessão; santificai-o, desprendei-o do amor das criaturas, e o mesmo fogo que abrasa o vosso abrase também o meu no tempo e por toda a eternidade. Amém.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:41 by Admin